

Justiça Ambiental e Ambiente Justo

com Luísa Schmidt



7 de março

Laudato Si. Uma encíclica surpresa para a humanidade e para o planeta

14 de março

Da boa ciência à boa justiça. Problemas de 'bradar aos céus' e os caminhos para as soluções

21 de março

Portugal: mudanças, ruturas e transições

28 de março

Da razão e da ação: um futuro para a cidadania ambiental

Em 2014, Naomi Klein publicou um livro sobre a transformação radical que as alterações climáticas trouxeram à ordem mundial e as relutâncias em pensar o mundo e as sociedades a partir das questões ambientais globais. A obra chama-se *Isto Muda Tudo*. Em 2015, surge a encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco. Esta veio de facto mudar tudo. Foi generalizadamente uma surpresa que chegou mesmo a gerar reação de alguns meios católicos menos 'avisados'. A obra é notável de limpidez, profundidade e coragem. De limpidez, porque não faz concessões às exigências científicas dos assuntos dos dias de hoje.

De profundidade, porque aborda um conjunto complexo de problemas de forma modelar. De coragem, porque situa no centro desse conjunto problemático o tema da justiça.

E em Portugal? Como estamos ambiental e eticamente perante estas questões? Numa época em que em todas as escalas o problema ambiental se faz sentir na nossa vida comum e no seu futuro próximo, Portugal tem algumas tarefas consensuais e urgentes à sua frente. Para isso terá de começar pelo princípio; pelos Princípios e, com eles, saber activar o conhecimento, a comunicação e a participação pública para as mudanças que se avizinham.

Este ciclo de conferências percorre quatro tópicos sobre questões ambientais contemporâneas, que vão do global ao local e do científico ao ético, sob a inspiração da encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco.

Laudato Si. Uma encíclica surpresa para a humanidade e para o planeta

Quando em 2015 surge a Encíclica *Laudato Si*, a reação mais imediata e mais geral foi a de surpresa. De facto, a mera notícia de uma carta encíclica é, quando muito, assinalada pelos meios de comunicação social, mas a poucos cidadãos lembra ensaiar a sua leitura. O próprio estilo eclesial fecha as cartas encíclicas num anel de referências internas que, em geral, afasta os leitores comuns. Não foi isto que se passou com a *Laudato Si*. A encíclica apresentou-se comunicacionalmente num registo próprio e desobstruiu uma via pública de comunicação extremamente alargada, mostrando que afinal estas cartas são para ler e podem ser lidas.

A surpresa não se ficou pelo registo comunicacional. O assunto abordado e sobretudo a forma como é abordado, teve e continua a ter um poderoso efeito de des-

pertador de consciências e reconfigurou a relação geral das pessoas, católicas ou não católicas, com a Igreja e com a autoridade e o papel do Papa. É este conjunto de factos surpreendentes que constituem o primeiro registo da surpresa que esta encíclica gerou.

Mas a esta surpresa seguiu-se uma outra: o facto da carta, sem trazer substantivamente uma novidade, vir renovar o discurso ambiental com a sua limpidez, com a sua profundidade e com a sua coragem.

A carta é, assim, uma surpresa paradoxal. Por um lado, reconhecemos nela muitas coisas que há muito vinham sendo ditas por outros protagonistas, como foi o caso de Al Gore, Nicholas Stern ou Naomi Klein. Por outro lado, os mesmos assuntos da crise climática e ambiental global, tal como foram ditos pelo Papa Francisco, despertaram nas pessoas, crentes ou não, um sentimento de algo verdadeiramente novo que ainda não havia sido apontado e que, de certo modo, reinicia o ambientalismo no mundo. Ao colocar no centro de tudo a questão da justiça, o Papa redefiniu a crise ambiental como crise da Humanidade perante si mesma. Não basta por isso ter soluções; é preciso dar um sentido à solução.

Luísa Schmidt, Investigadora Principal no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Textos de Luísa Schmidt